



UNICAMP

PO9.24

EVENTO: lançamento da biografia de
Benjamin Britten
VEÍCULO: O estado de São Paulo
DATA: 05 de setembro de 1993
PÁGINA: 02
SEÇÃO: Caderno 2



Biógrafo levanta os lençóis de Britten em busca de música

Humphrey Carpenter, autor das biografias de Auden e Pound, associa homossexualidade à criação musical na trajetória do maior compositor inglês contemporâneo

ALLAN KOZINN
The New York Times

Benjamin Britten (1913-1976) é um emblema da música contemporânea. Seus diários e cartas revelam entusiasmo juvenil por algumas tendências da vanguarda musical deste século. Mas, apesar de usar dissonâncias e mesmo a técnica serial, sua música confirma a tradição romântica do século 19.

Como resultado, ele não figura em muitas listas dos pioneiros do século 20. Porém, seu conservadorismo musical tinha suas compensações. Como Shostakovich e Copland, ele viveu para ver sua música incluída no repertório das grandes orquestras. E, desde sua morte, composições como *Peter Grimes* e *War Requiem* tornaram-se populares.

O livro de Humphrey Carpenter flerta com a moda das biografias, da mesma maneira que a música de Britten flertava com o modernismo. Carpenter investiga seus lençóis e posa de psicólogo de botiquim. Mas ele consegue bom equilíbrio como nas biografias de Auden, Pound e Tolkien.

Nem por isso o retrato do compositor está completo. O maquiavelismo de Britten para com aqueles a seu redor e sua tendência para dispensar amigos e colaboradores são aspectos importantes de

sua trajetória.

Carpenter relaciona esse comportamento a uma carta que Britten recebeu de Auden em 1942. "Se você quer realmente crescer", Auden sugeriu, "terá, penso eu, de sofrer e fazer outros sofrerem."

O próprio Auden acabou por ser afastado do círculo de Britten, como praticamente todo mundo, exceto Peter Pears, o tenor com quem viveu a maior parte de sua vida e para quem compôs todas as suas óperas e ciclos de canções. A influência de Pears, que Carpenter não considera inteiramente benigna, também é examinada com cuidado.

Os amigos dizem que Pears foi indiferente aos trabalhos não compostos especialmente para ele. A homossexualidade de Britten é discutida em intervalos regulares, não apenas no contexto de sua relação com Pears,

mas também por causa de sua afeição por garotos.

Citações de correspondência e de seu diário, além de extratos de entrevistas, apresentam uma visão de como Britten via outros compositores, do passado e do presente. Ele amava Mozart, não gostava de Beethoven e tinha aversão a Brahms.

Há certamente outros estudos que analisam melhor os detalhes técnicos da música de Britten, mas o livro de Carpenter não tem rival em termos de estilo e pesquisa.

CARPENTER
ESQUECE O
LADO
PERVERSO DE
BRITTEN COM
AMIGOS E
LIBRETISTAS

LIVRO



Nathaniel Parker no filme 'War Requiem', dirigido por Derek Jarman e baseado em Britten

Autor coloca compositor no divã de Freud

ALVARO MACHADO

Nem só do lixo das biografias não-autorizadas vivem as prateleiras das livrarias. Para a exaustiva biografia que escreveu sobre o compositor Benjamin Britten, o escritor Humphrey Carpenter obteve apoio da Fundação Britten-Pears — que administra o legado do compositor e do cantor Peter Pears, com o qual Britten viveu grande parte de sua vida. Também pôde entrevistar os

familiares e amigos de Britten e trabalhou durante quatro anos, produzindo um calhamaço de quase 700 páginas (que inclui índice onomástico, de obras, temático e alguns outros).

É o texto definitivo sobre o maior compositor inglês desde Henry Purcell. Apesar de incluir escândalos como o da suposta violação sexual do biografado por seu pai, na infância — "meu pai tinha hábitos esquisitos" —, é absolutamente respeitável. É um fei-

to literário que repete uma habilidade do próprio Britten, que conseguiu tornar reconhecida e respeitada, pela sociedade conservadora inglesa, sua relação homossexual aberta com Pears (a rainha Elizabeth chegou a prestigiar a inauguração do auditório particular do compositor, em 1967).

Mesmo com a importância assumida pela sexualidade de García Lorca e Marcel Proust em suas respectivas obras, esses escritores não tiveram tantos detalhes vas-

culhados com método analítico de base freudiana pelos biógrafos Ian Gibson e George Painter. Carpenter esmiúça particularidades da família do compositor e as motivações que determinaram o "produto Britten". Rastreia a sentença da mãe para que "Beni" se tornasse o "quarto B da música" (depois de Bach, Beethoven e Brahms), a "missão" imposta desde o berço, de elevar o perfil classe média cinzenta da família (o pai era um dentista infeliz e alcoólatra) e o tratamento de bibelô recebido na infância (seus cachos de cabelos cuidadosamente cultivados, o apelativo "queridinho" que ele acreditava fazer parte de seu nome etc.).

Esse "método" é ainda mais curioso quando se leva em conta o caráter abstrato de uma obra musical: que relação podem ter as notas de uma partitura com as preferências sexuais do compositor? Carpenter encontra a resposta nos temas de suas óperas: o universo estritamente masculino de *Billy Budd* e a paixão impossível de *Morte em Veneza*. E também na tessitura heróica de tenor, para a qual Britten escreveu suas melhores páginas (naturalmente para Pears). Conta também a amizade e colaboração em libretos dos escritores Auden, Christopher Isherwood e de Forster, a nata da intelectualidade gay deste século.

Britten chegou também até a vertente gay esteticista do cinema inglês dos anos 80. Derek Jarman transpôs para a tela o *War Requiem*, num filme que resultou radical, tenebroso. Tony Palmer, diretor menos vanguardista, biografou o compositor em 1980 para a TV inglesa (*A Time There Was*).

Entre as viagens prodigiosas de Britten com Pears pelo mundo, nada é dito no livro de Carpenter sobre a passagem da dupla por São Paulo e pelo Rio em 1967, cidades nas quais eles deram recitais.

Pelo seu conteúdo "explícito", desde julho último *Benjamin Britten, A Biography* tornou-se vedete em livrarias norte-americanas especializadas em cultura gay, como as da rede A Different Light, em São Francisco e Los Angeles: em pilhas de centenas, o livro é vendido como pão quente. Marilyn, Olivier e Jagger não autorizados ficam nas estantes dos fundos.

SERVIÇO

Benjamin Britten, a Biography De Humphrey Carpenter (também autor de W.H. Auden, 1981, e *A Serious Character: The Life of Ezra Pound*, 1988). Editora Charles Scribner's Sons, Nova York, 677 págs, com ilustrações, 1993. Preço de capa: US\$ 35. As importações podem ser feitas através da Livraria Cultura (Avenida Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, térreo ☎285-4033, zona Sul de São Paulo). O preço final, cobrado pela livraria para o consumidor, é de aproximadamente CR\$ 6,5 mil (valor para esta semana). A entrega é feita entre 30 e 45 dias a partir do pedido.



O compositor e seu companheiro, o tenor Peter Pears, em 1974



Britten na varanda de seu quarto em Old Mill, em 1945

